

## “É nois” na tela: comunicação, territórios simbólicos e produção de vínculos a partir da experiência do coletivo Tela Firme na cidade de Belém (PA)

Luciana Gouvêia

Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Paulista (PPGCOM-UNIP), sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Miklos. Integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Jornalista.

### Resumo

Este artigo tem o propósito de investigar as relações entre territórios simbólicos e a produção de vínculo, considerando a experiência de atuação do coletivo de comunicação Tela Firme, no bairro da Terra Firme, periferia de Belém (PA). A questão principal que pretendemos responder ao longo do artigo é “como o coletivo de comunicação popular Tela Firme contribui para a revalorização do território a partir de seus processos comunicacionais?”. Como base bibliográfica, revisamos os conceitos de Muniz Sodré (2014), Félix Guattari (1990, 1992, 2005), Michel Maffesoli (1996) e Norval Baitello Jr. (2008, 2014).

**Palavras-chave:** Comunicação; território; vínculo; comunidade; Direitos Humanos

### Abstract

This article aims to investigate the relationships between symbolic territories and the production of social bond, through the experience of the Tela Firme communication group, in the homonymous neighbourhood, at Belém (north of Brazil) outskirts. The main question we intend to answer through this article is “how does the Tela Firme popular communication group contribute to the re-valorization of the territory through its communication processes?”. To do so, we have revisited terms and concepts from Muniz Sodré (2014), Felix Guattari (1990; 1992; 2005), Michel Maffesoli (1996) and Norval Baitello Jr. (2008; 2014).

**Keywords:** Communication; Territory; Social bond; Community; Human Rights

*“There is not only fighting on the front line. We must tell the world that we are not animals. We are cultured, we have ideas and dreams”.*

Velibor Topic, ator bósnio

A frase dita pelo ator Velibor Topic em entrevista ao jornal inglês The Guardian (*apud* Alexander, Bresse, Eyerman, 2011), se tornou célebre no início dos anos 1990 durante a guerra da Bósnia. Topic interpretou Estragon na montagem “Esperando Godot” (do dramaturgo irlandês Samuel Beckett), dirigido e readaptado pela escritora norte-americana Susan Sontag. A intelectual comentou na ocasião da temporada teatral quais eram as motivações de se ter realizado o espetáculo na cidade de Sarajevo, em pleno conflito armado:

Assim como atores de talento ainda moram em Sarajevo, o mesmo vale para membros desta plateia culta. A diferença é que tanto atores quanto espectadores podem ser assassinados ou mutilados por tiros de um franco atirador ou por um obus de um morteiro, na ida ou na volta do teatro; mas afinal, o mesmo pode ocorrer aos habitantes de Sarajevo na sala de estar de suas próprias casas, enquanto dormem em seu quarto, quando apanham algo em sua cozinha, quando saem pela porta da frente. (Sontag, 2005).

Este breve prelúdio nos leva a entender que eventos desta natureza, a exemplo da encenação de “Esperando Godot” durante uma guerra, são capazes de transformar as nossas relações com a comunidade, com o território e também mudar a perspectiva que se tem a respeito deste espaço – tanto para quem o habita como para quem apenas o conhece de ter ouvido falar.

Não obstante, observamos que nas periferias do Brasil também se manifestam vontades semelhantes de se organizar socialmente, por meio de ações culturais, artísticas e comunicacionais, para a formação e o fortalecimento de vínculos sociais que visam impedir que a representação do território e da população na mídia comercial seja apenas negativa.

Exemplos não faltam no país – O Museu da Maré<sup>1</sup>, no Rio de Janeiro, apresentou em junho de 2015 uma exposição de Ciência e Tecnologia, promovendo uma oficina de microscopia para os moradores mesmo com a presença militar no complexo<sup>2</sup>, como também ajuda a divulgar eventos como o curso “Favela fala”<sup>3</sup> e outros eventos culturais de resistência.

Já em São Paulo<sup>4</sup>, o coletivo de comunicação feminista “Nós, mulheres da periferia”<sup>5</sup> reúne mulheres de localidades como Cidade Ademar, Paraisópolis e Jardim Ângela desde 2012, com o intuito de manter uma agência de notícias que seja referência nas temáticas sobre negritude e gênero.

Em Belém (PA), os moradores do bairro da Terra Firme também estão mobilizados para fazer frente às representações negativas, espetacularizadas e exageradas do bairro pela mídia comercial, que noticia basicamente os crimes ocorridos ali, a prisão de pessoas ligadas ao tráfico de drogas, e pela sua população supostamente pouco articulada e instruída. Apesar de o bairro possuir diversos projetos independentes de inclusão social, de projeção cultural e de convivência, o destaque nos principais veículos de comunicação da cidade é muito pequeno ou inexistente sobre estas ações que ocorrem no bairro da Terra Firme.

O coletivo de comunicação popular Tela Firme é

1\_ O Museu da Maré foi fundado no dia 8 de maio de 2006. Ele surgiu a partir do desejo dos moradores de terem o seu lugar de memória, um lugar de imersão no passado e de olhar para o futuro, na reflexão sobre as referências dessa comunidade, das suas condições e identidades, de sua diversidade cultural e territorial. A intenção do Museu da Maré é romper com a tradição de que as experiências a serem lembradas e os lugares de memória a serem lembrados são aqueles eleitos pela versão oficial, “vencedora”, da história e, por isso, uma versão que limita as representações da história e da memória de grandes parcelas da população. Fonte: [http://www.museudamare.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=48&Itemid=54](http://www.museudamare.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=48&Itemid=54). Acesso em 08 de julho de 2016.

2\_ Informação extraída da reportagem “Coletivo Artbio promove exposição e oficina de microscopia no complexo da Maré”. Fonte: [http://www.abc.org.br/article.php3?id\\_article=7891](http://www.abc.org.br/article.php3?id_article=7891). Acesso em 08 de julho de 2016.

3\_ Curso de Comunicação Comunitária promovido em parceria com o Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SOLTEC-UFRJ).

4\_ No eixo Rio-São Paulo, os exemplos de iniciativas culturais e comunicacionais de produção de valor social são diversos e, com o intuito de não perder o foco no tema principal deste trabalho, citamos apenas alguns deles neste artigo.

5\_ Site do coletivo de comunicação: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br/>.

uma iniciativa que se apresenta como uma possibilidade de romper com esta lógica de representação da grande mídia local ao mostrar um bairro que, se por um lado é penalizado pela ocorrência de violências urbanas e policiais – e isso deve ser discutido –, por outro possui habitantes antigos, com extrema vinculação afetiva ao espaço.

Os vídeos do grupo mostram manifestações culturais, como carnaval e cortejos folclóricos, e, ao contrário do que um leitor das notícias policiais locais é levado a acreditar, também vivem profissionais autônomos trabalhadores, intelectuais e universitários<sup>6</sup>. Em síntese: não é um lugar onde apenas se morre ou se sofre pela ausência de políticas públicas, mas também onde se vive, onde as pessoas se relacionam e onde se produzem conhecimentos vários, inclusive o conhecimento acadêmico.

## 1. METODOLOGIA<sup>7</sup>

Este artigo tem o propósito de investigar as relações entre território e produção de vínculo social considerando a experiência de atuação do coletivo Tela Firme no bairro da Terra Firme. O ponto de partida foi a revisão bibliográfica dos conceitos de alguns autores que consideramos importantes para refletir sobre a atuação do grupo de comunicadores na periferia de Belém e, assim, fazer a interface com as ideias que propomos.

Revisitamos as obras recentes dos professores Muniz Sodré (2014) e Norval Baitello Jr. (2014). Ambos criticam a centralidade da informação nos estudos comunicacionais e consideram a possibilidade de criação de vínculos e afetos a força motriz de Comunicação Social. Associamos os processos comunicacionais que fomentam os vínculos com territórios simbólicos que são estabelecidos a partir da atuação destes grupos no espaço em que vivem. O conceito está presente nas obras de Félix

6\_ Uma das produções audiovisuais do coletivo foi o “Gente Firme” (lançado dia 07 de setembro de 2014), que entrevistou o estudante universitário do curso de Medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA), Bruno Passos, morador da Rua da Paz, na Terra Firme. Link: [https://www.youtube.com/watch?v=h\\_DHH7wthIc](https://www.youtube.com/watch?v=h_DHH7wthIc). Acesso em 08 de julho de 2016.

7\_ O artigo é um fragmento da dissertação de mestrado “A TV Comunitária da Tela Firme: A Comunicação como produção de vínculos no bairro da Terra Firme em Belém” (título provisório).

Guattari e Suely Rolnik (2005) e Michel Mafessoli (1996), que continuam atuais por possuírem o caráter libertário que observamos muito contundentes nas redes e grupos de solidariedades em movimento. A obra de ambos os autores, no que se refere a novas formas de vivências sociais, estão presentes nas reflexões contemporâneas de Raquel Paiva (2016, p. 70) e Muniz Sodré (2014, p. 256).

Para Guattari (2005) a noção de território é muito ampla e dividida em três movimentos – territorialidade, desterritorialização e reterritorialização. O território se trata de um determinado espaço que se articula a outros existentes e aos fluxos cósmicos e simbólicos. Ele pode ser um espaço vivido, quanto um sistema no qual o sujeito se sente em “casa” – pode ser material ou imaterial, portanto. De acordo com o autor, ele é “o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (Guattari; Rolnik, 2005, p. 388).

A questão principal que pretendemos responder ao longo do artigo é “como o coletivo de comunicação popular Tela Firme contribui para a revalorização do território a partir de seus processos comunicacionais?”. E, para tanto, é necessário revisitar a história deste bairro.

## 2. O BAIRRO E A CIDADE

O bairro da Terra Firme tem 61.439 habitantes (IBGE, 2010) e está entre os 10 mais populosos da capital paraense. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o bairro possui 15.464 domicílios. A maioria da população, 36.966 das pessoas entrevistadas pelo Censo 2010, se auto-declaravam da cor parda<sup>8</sup>. Embora o bairro acolha atualmente diversas realidades econômicas, a renda predominante nos domicílios vai de 1/8 de salário até 2 salários mínimos, situação financeira esta de

8\_ De acordo com a definição do IBGE, pardos “são consideradas as pessoas que se declaram mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça”. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad99/metodologia99.shtm>. Acesso em 03 de março de 2017.

famílias moradoras de 14.638 unidades residenciais, cuja faixa salarial de maior incidência entre os responsáveis por cada núcleo familiar é de ½ a 1 salário mínimo (IBGE, 2010).



Figura 3\_Reportagem do Tela Firme apresentando o bairro da Terra Firme (2014).

O nome do bairro, “Terra Firme”, se origina dos primeiros moradores, que começaram a construir suas casas em uma faixa de terra firme. Porém, com o adensamento populacional, esta faixa se tornou pequena e as habitações passaram a ser erguidas sobre os alagados (Silva, 2011).



Figura 4\_Map do bairro da Terra Firme. Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi.

Historicamente, a Terra Firme é um bairro muito novo, tendo em vista que a capital paraense completou 400 anos de fundação no dia 12 de janeiro de 1711. Um fato muito curioso sobre a região é que em 1996 o nome bairro foi alterado pela prefeitura para Montese, em referência aos soldados brasileiros que participaram da batalha de Montese, na 2ª Guerra Mundial. Mas este nome determinado pelo poder público nunca “pegou” entre os moradores:

Os moradores de Belém, principalmente os moradores do bairro, se recusam a usar o novo nome e reivindicam a permanência do nome Terra Firme. Muito justo, visto que foram eles que ocuparam as terras e têm sua história para contar. O nome Terra Firme diz respeito à história do bairro, à vivência de seus moradores, à memória afetiva deles com o lugar (...). Os ônibus da cidade ainda circulam com o nome Terra Firme, e nas buscas da internet localizamos o nome do bairro com sua forma popular entre parênteses: “Montese (Terra Firme)”. Quando os governantes vão entender que o nome de um lugar, dado pelo seu próprio povo, não cabe entre parênteses? Montese é um nome sem identificação direta com o lugar e seus habitantes, é, como já foi dito, um nome oficial concebido de forma autoritária pelo Estado. (Peregrino, 2014).

A controvérsia teve fim apenas em 2005, quando, após muito debate com as lideranças comunitárias,

a Câmara dos Vereadores aprovou o projeto de lei nº 8.383/2005, determinando que o nome do bairro fosse oficialmente Terra Firme (Alves, 2010, p. 91). Isto é, a narrativa de fundação do bairro está fundamentalmente ligada às lutas por habitação e à busca pela identificação com o espaço vivido, revelando o processo histórico de exclusão desta população que foi obrigada a se deslocar para as áreas de alagado da cidade.

### 3. O TERRITÓRIO E A CRIMINALIDADE

A cidade de Belém é considerada a 11ª mais violenta do mundo e a 2ª do Brasil, segundo o *ranking* anual da ONG mexicana Conselho Cidadão pela Seguridade Social Pública e Justiça Penal<sup>9</sup>, sustentando o índice de 47,41 homicídios a cada 100.000 habitantes.

Em relação à criminalidade na Terra Firme, obtivemos junto à Polícia Civil do Pará<sup>10</sup> os dados referentes a 2016. Em um ano foram registrados no bairro 1.727 roubos, 856 furtos e 26 homicídios. Mas o que chama a atenção mesmo é que, apesar do quantitativo expressivo, a Terra Firme sequer está presente na lista dos 10 bairros de Belém com a maior quantidade de crimes violentos (homicídio, latrocínio e lesões corporais).

Os bairros que lideram o *ranking* são Jurunas (3.822 ocorrências), Guamá (3.373), Marco (3.227) e Pedreira (2.585); os dois primeiros também na periferia da cidade e os dois últimos, embora áreas periféricas, são localidades que passaram por um intenso processo de gentrificação e crescimento vertical. Ainda assim, o aspecto social da Terra Firme que mais se destaca na mídia local é a violência – é comum a cobertura jornalística da cidade, especialmente a policial, enfatizar as mazelas sociais e crimes cometidos na localidade.

Em Belém temos uma variedade de programas

9\_ Fonte: "Natal é a cidade mais violenta do Brasil, diz ranking mundial". Portal G1. Link: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/natal-e-a-cidade-mais-violenta-do-brasil-diz-ranking-mundial.ghtml>. Acesso em 10 de abril de 2017. A pesquisa abrange apenas cidades com mais de 300.000 habitantes.

10\_ Dados obtidos com base na lei do Governo Federal 12.527/11 (Lei da Transparência).

televisivos de produção local que elegeram a criminalidade a sua principal pauta; alguns deles são: Cidade Alerta Pará (TV Record), Barra Pesada, Metendo Bronca, Cidade Contra o Crime, Rota Cidadã (todos na RBATV, filiada à Rede Bandeirantes). Já nos principais jornais impressos, Diário do Pará e O Liberal, há cadernos de Polícia, integralmente voltados para este tipo de cobertura.

Quanto mais bárbaro o acontecimento, maior destaque adquire nas páginas policiais, tanto no tamanho do texto como em quantidade de imagens. Os veículos citados tratam a violência a partir do pequeno traficante, da exploração da pobreza e, muitas vezes, da exposição de adolescentes em conflito com a lei e de crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica, como também atribuem uma imagem de herói ao policial.

Neste contexto, Belém é a quarta cidade que mais viola leis, normas, direitos da pessoa humana na mídia brasileira, de acordo com o terceiro volume da pesquisa "Programa de monitoramento de violações de direitos na mídia brasileira" (Varjão, 2016), apoiada pela Rede Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), em parceria com o Coletivo Intervezes e o Ministério Público Federal. O estudo lançado em maio de 2016 nos revela que, em apenas 30 dias, reportagens de rádio e TV promoveram 4.500 violações de direitos, cometeram 15.761 infrações a leis brasileiras e multilaterais. A análise de mídia coordenada por Suzana Varjão investigou 28 programas "policialescos" produzidos em 10 capitais do país. No caso de Belém, são os programas Metendo Bronca, da RBATV, e o Patrulha da Cidade, programa policial da rádio Super Marajoara AM, os que mais infringiram os Direitos Humanos.

Os dados da pesquisa mostram que, em apenas um mês, o programa Metendo Bronca cometeu 316 transgressões a leis e normas, e o Patrulha na Cidade, por sua vez, realizou 167 infrações, totalizando 483 violações. Já os abusos por narrativas, que são trechos analisados nos programas contendo diversas violações de direitos e infrações a leis e normas autorregulatórias, são os mais recorrentes. Nos programas policiais de Belém, foram identificados 118 abusos do programa Metendo Bronca e 75 no Patrulha da Cidade, o que totaliza 193 violações, 10% do total de violações nacionais (...). A capital paraense

perde apenas para São Paulo, Brasília e Recife, respectivamente. (Santos, 2016).

Tendo em vista o cenário midiático de Belém, no qual a criminalidade é utilizada para alavancar a audiência de suas produções, o coletivo Tela Firme passou também a abordar os Direitos Humanos para as reportagens e ajudar na visibilidade de manifestações sociais organizadas por militâncias do bairro e da cidade, como o Grito dos Excluídos e as mobilizações em memória aos mortos nas chacinhas ocorridas no distrito de Icoaraci, em 2011, e no bairro da Terra Firme, em 2014.

O coletivo de comunicação foi lançado oficialmente na rede social Youtube no dia 06 de Março de 2014. Formado por um grupo de oito comunicadores, a ideia central dos jovens era promover a valorização do bairro através de reportagens culturais e entrevistas com antigos moradores. A liderança da iniciativa é do geógrafo Francisco Batista, missionário da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Belém, que após uma experiência de trabalho com juventude e rádio comunitária em Moçambique, percebeu o alto potencial de mobilização da Comunicação Comunitária para a discussão de problemas sociais e para a promoção da cidadania.

### 4. O TERRITÓRIO E AS SUAS POSSIBILIDADES

A primeira produção audiovisual do coletivo Tela Firme – que tem este nome em referência ao nome do bairro – foi uma reportagem chamada "Terra Firme", em que a região é o centro das atenções. Os jovens entrevistam os moradores mais velhos que falam um pouco da sua vida e das lendas que conhecem, a exemplo da "Cobra grande".

A narrativa fantástica de uma cobra que viveria no subsolo da cidade e esmagaria as pessoas que encontrassem com ela durante a madrugada está diretamente ligada a fundação do bairro. A mesma reportagem mostra também alguns espaços de convivência da Terra Firme, como a feira livre, a paróquia, a rua. O vídeo pretende mostrar o vínculo afetivo que os moradores entrevistados têm com o

local, apresentando histórias de vida, reflexões acerca do lugar e críticas construtivas a respeito de como o espaço público pode se tornar uma experiência mais agradável para todos.

O sociólogo Félix Guattari (1992, p. 27) explica que os territórios ao redor do mundo vêm sendo construídos e ressingularizados desde sociedades arcaicas, nas quais "a partir de ritmos, de cantos, de danças, de máscaras, de marcas no corpo, no solo, nos Totens, por ocasião de rituais e através de referências míticas que são circunscritos outros tipo de territórios existenciais coletivos". Junto às práticas essencialmente artísticas, sistemas de comunicação também estimulam o exercício de subjetividades e partilhas sociais, como observamos com a atuação do Tela Firme.

Para Guattari (1992, p. 19-20), a subjetividade pode ser definida como "o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva". E completa:

Com efeito, o termo coletivo, deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que uma lógica de conjuntos bem circunscritos (Guattari, 1992, p. 19 e 20).

Isto é, o território não é apenas o lugar onde se mora, se trabalha ou se cumprem obrigações ordinárias, mas também é dado a partir destas camadas de associações afetivas, significados e subjetividades que desenvolvemos ao se fazer presente neste espaço, seja em conjunto ou individualmente.

Busca-se combater, portanto, as estruturas fixas por uma concepção desconstrutivista e libertária do sujeito, estimulando investimentos na sociabilidade, na solidariedade e ao mesmo tempo no seu processo de singularização, fenômeno este que Guattari chama de heterogênesse – "os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes" (Guattari, 1990, p. 55).

Neste contexto da produção cultural que promove a reterritorialização, Baitello Jr. (2014) avalia que essas pinturas, cores, vestimentas festivas e adornos são também ferramentas comunicativas. Elas ampliam suas mensagens no tempo e seu impacto de receptividade, além de acrescentarem ao corpo uma determinada informação (Baitello Jr., p. 98). Na visão do autor, o corpo é um instrumento fundamental na vinculação comunicativa e na formação do espaço onde as subjetividades e a imaginação são exercidas:

A instância “corpo” é fundante para o processo comunicativo como um todo. É com ele que se conquista a vertical, a dimensão do espaço que configura as codificações do poder. É com ele que se conquista a dimensão a horizontalidade e as relações solidárias de igualdade. É com o corpo, gerando vínculos, que alguém se apropria do seu próprio tempo de vida, compartilhado com outros sujeitos. Mas é aí, no estabelecimento de vínculos, materiais ou simbólicos, que inicia a apropriação do espaço e do tempo de vida dos outros. (Baitello Jr., 2014, p.96).

174 Consideramos então que estas formas de comunicação que emanam do corpo e se dão na presença dos atores sociais realizando trocas culturais e simbólicas são capazes de transformar as relações que os grupos sociais estabelecem com o espaço onde vivem e com a comunidade na qual estão inseridos. A partir de símbolos e significados que são construídos e compartilhados pela coletividade é possível conceber ações que garantam melhoria nas condições de vida da população. Para Muniz Sodré, o processo de simbolização estrutura o organismo social (Sodré, 2014, p. 270).

Desse modo, onde haja troca ou substituições, em qualquer nível do organismo social – econômico, político, linguístico e psíquico – está presente o processo simbólico, que é metabolizado pelo processo de socialização (...). Neste nível, o nível da comunicação interpessoal, predominam os atos expressivos e as trocas de mensagens, não necessariamente linguísticos, uma vez que os gestos, os sinais e os afetos concorrem simultaneamente para a conexão intersubjetiva. (Sodré, 2014, p. 273).

Sendo assim, observamos que as formas de socialização não atendem somente a motivações

pragmáticas, de manter as pessoas unidas apenas por uma questão de enfrentamento a um determinado problema vivenciado coletivamente ou sobrevivência, e sim pela necessidade que os grupos sociais têm de se vincular uns aos outros, de trocar afetos, construir narrativas, exercitarem sua criatividade e imaginação – enfim, criarem formas de convivência nas quais possam dar vazão às subjetividades comunicacionais, artísticas e expressivas que cultivam em suas vidas.

Para o sociólogo Michel Maffesoli (1996), o território nos dias atuais como uma estratégia de vinculação social

seria a base de que nos asseguramos antes de partir ao encontro dos outros. Pode também servir de lugar de recesso, de necessidade. É nesse sentido que se pode falar de uma lógica do doméstico, oposta à lógica do político, tal como se impôs progressivamente durante a modernidade. (Maffesoli, 1996, p. 99).

Na visão do autor francês, as transformações sociais e as transmutações das instituições vão ocorrer a partir das relações que se travam no cotidiano e na base da sociedade que põe em curso as práticas comunitárias. É no hábito e no rito cotidiano que se fundam a memória coletiva e a identificação.

O hábito cotidiano está cheio destas impressões, os rituais urbanos também, e, sem isso, é incompreensível a ligação que se experimenta em um dado lugar, qualquer que seja. A memória e a identificação sociais encontram aí suas origens: Acontece o mesmo com as imagens da cidade, feitas da multiplicidade das paisagens urbanas, de particularidades arquitetônicas, de especificidades locais, e cuja importância na elaboração da urbanidade se constata cada vez mais: esse modo e essa arte de viver com o outro no mesmo lugar. (Maffesoli, 1996, p. 282)

Maffesoli destaca que a dimensão simbólica do território é de grande relevância, afinal, a vivência comunitária hoje não se dá tão somente pelos laços de vizinhança nos bairros, mas sim pelas redes de solidariedade, pelas afinidades e pelos momentos partilhados com os demais atores sociais. Eles são, portanto, espaços onde se desenvolvem as múltiplas socialidades e

estão repletos de afetos e de emoções comuns, são consolidados pelo cimento cultural ou espiritual, isto é, são feitos por e para as tribos que aí escolheram domicílio. É, aliás, sua maior ou menor capacidade de exprimir (ser a expressão de) a ou as comunidades que a habitam que faz, de um espaço físico, um espaço vivido. (Maffesoli, 1996, p. 269).

Em outras palavras, um bairro no qual os sujeitos não têm a oportunidade de conviver e nem de deixar as suas inscrições subjetivas no espaço, em vez de fortalecer o vínculo social, tem no isolamento e distanciamento das pessoas o seu efeito oposto.

Como obstáculo a este processo de partilhas simbólicas, vinculação social e produção de sentido no espaço vivido, observamos atualmente a privatização dos espaços públicos e controle excessivo dos espaços de livre convivência. Paiva e Curi (2016), ao escreverem a respeito do processo de revitalização do complexo Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, ressaltaram a presença da comunidade portuária com as suas heranças artísticas e fluxos, “que se organiza e se comunica organicamente” e em oposição à tentativa do capital, representado por corporações, empresários, poder público e grande mídia, que tentam de todas as formas organizar e formatar o local ao seu modo para que assim possam implantar diferentes interesses, em uma espécie de mercantilização do que se tem na região (Paiva, 2016, p. 61).

Casos como estes demonstram o quanto os territórios necessitam dos grupos de resistências atuantes para não sucumbir a estes modelos endossados pelas corporações, invisibilizando assim os atores sociais, suas potencialidades e alternativas do uso dos espaços que compartilham cotidianamente. Para a pesquisadora, a apropriação dos espaços pelo capital tem como efeito “a aniquilação da alteridade, que negaria a experiência fortemente urbana do contágio, da mistura e da interação” (Paiva, 2016, p.70).

Por conta da iminência desses processos oriundos do avanço das corporações sobre os espaços públicos, acreditamos que um trabalho como o do coletivo Tela Firme, ao se propor a realizar reportagens jornalísticas mostrando a sua versão do dia a dia da Terra Firme, assim como exibindo alguns de seus moradores antigos e ilustres, colabora para o desen-

volvimento de ações simbólicas e também efetivas no território, responsáveis pela revalorização do espaço vivido, pela cultura de paz e, no caso deles, também ao intuito de denunciar os problemas que assolam o bairro, sempre pensando em como eles poderiam ser resolvidos com a colaboração dos moradores do local.

## 5. O VÍNCULO E A COMUNICAÇÃO

Na visão de Félix Guattari (1990), a mídia colabora para as desigualdades socioeconômicas e é preciso que os movimentos populares se apropriem das ferramentas no intuito de ressignificar estas linguagens técnicas para que elas se tornem mais humanizadas e condizentes com o seu propósito de buscar soluções para todos os tipos de conflito que possam envolver as pessoas e os espaços em que estão inseridas.

A acelerada midiáticação dos conjuntos das sociedades tende assim a criar um hiato cada vez mais pronunciado entre essas diversas categorias de população. Do lado das elites, são colocados suficientemente à disposição bens materiais, meio de cultura, uma prática mínima da leitura e da escrita, e um sentimento de competência e de legitimidade decisórias. Do lado das classes sujeitadas, encontramos, bastante frequentemente, um abandono à ordem das coisas, uma perda de esperança de dar um sentido à vida. Um ponto programático primordial da ecologia social seria o de fazer transitar essas sociedades capitalísticas da era da mídia em direção a uma era pós-mídia, assim entendida como uma reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeitos, capazes de geri-la em uma vida de ressingularização. (Guattari, 1990, p. 46).

Neste contexto de reapropriação para a ressingularidade, o Tela Firme, ao pegar câmeras e microfones para propor novos pontos de vista sobre o bairro, contribuindo para o estabelecimento de laços entre os seus moradores que se conhecem e reconhecem a partir das imagens cotidianas e da presença de uma equipe de TV cujos membros fazem parte daquele espaço, cria também ambientes de vínculo ao abrir uma nova “tela” de contato e comunicação entre os moradores da Terra Firme.

Para Muniz Sodré (2014), a vinculação repre-

senta a coesão comunitária. Já comunicar é uma ação cotidiana, que produz o vínculo. Este é desprovido de substância física ou institucional (daí a dificuldade para se entender o que a expressão representa); ele é, na verdade, uma abertura na linguagem (Sodré, 2014, p.214).

A ordem do coração, a imanência despercebida, a tonalidade afetiva e o laço invisível, são expressões diferentes para a referência comum à coesão comunitária. Para inscrevê-las na sociabilidade moderna, a palavra vinculação afigura-se mais adequada do que relação porque conota semanticamente uma obrigatoriedade ou uma força compulsiva, que não se revela na consciência do sujeito como uma deliberação visível. É a força de onde não raro provêm as atitudes tomadas no interior das relações intersubjetivas sem o recurso prévio a uma reflexão mais demorada (SODRÉ, 2014, p. 201)

176 Sendo assim, podemos presumir então que o ato vincutivo não corresponde apenas aos estímulos racionais aos quais estamos sujeitos. Ele também nos envolve a partir de uma inteligência sensível que nos toca os sentidos, produz ambiências, ampliando as possibilidades comunicacionais, que estão além de uma “eficaz” troca de informação. O autor Baitello Jr. (2008) afirma que a grande premissa do processo comunicacional é a possibilidade de se estabelecer ligações sociais e daí, então, se construir ambientes de vínculo que assegurem a permanência deste território como provedor de sociabilidade.

Comunicar-se é criar ambientes de vínculo. Nos ambientes de vínculo já não somos indivíduos, somos um nó apoiado por outros nós e entrecruzamentos (...) construir um ambiente e situar-se nele reduz a fragilidade do estar só. E, para os entrelaçamentos que geram ambientes, e os ambientes são os pressupostos para a continuidade, para a sustentabilidade, para a sobrevivência do corpo nos outros corpos e nos corposoutros, na materialidade dos meios que facilitam a nodação entre os corpos”. (Baitello Jr., 2008, p. 100).

Com base na reflexão proposta pelos autores sobre os vínculos sociais e a função do comunicar, reforçamos que o consumo de programas de TV, jornais radiofônicos ou sites da internet nem sempre dão conta de explicar as potências emergentes a partir da sociabilidade. Estes dispositivos técnicos são

ferramentas que nos permitem compartilhar impressões, atrair visibilidade para as questões em pauta e ampliar o alcance dos territórios simbólicos que são traçados pelos grupos sociais no ambiente em que se relacionam – mas para promoverem vínculos no contexto comunitário precisam estar baseados substancialmente em encontros reais.

No caso do Tela Firme, a partir das rede digitais Youtube e Facebook, os acontecimentos locais que registram, a exemplo do Fórum de Cotas, da marcha do movimento feminista contra o presidente considerado “ilegítimo” pela forma como chegou ao cargo e impôs sua agenda política, Michel Temer<sup>11</sup>, ou da implementação de um projeto comunitário de paisagismo na avenida Perimetral<sup>12</sup> – fazendo com o que os atores sociais se destaquem e as suas práticas vincutivas sejam multiplicadas –, estão mais focados em fomentar este espaço vivido do produzir notícias em série ou criar uma rotina para a exibição de reportagens ou gerar tráfego nas mídias digitais. A comunicação aqui cumpre outra função, qual seja a de produzir laços, sentidos, memória, e partilha do espaço comum.

Não é a informação, em seu sentido funcional o elemento constitutivo de um processo de comunicação. É o vínculo, com a sua complexidade, sua amplitude de potencialidades. Se a informação busca a certeza como parâmetro, o vínculo aposta na probabilidade. Assim, a comunicação que brota dos corpos nunca será determinística, pois outros corpos estarão sempre entremeados em uma ambiência gerada por corpos com histórias e sonhos, faltas e oferecimentos distintos. (Baitello Jr., 2008, p. 101).

Como nos alerta Baitello Jr., precisamos levar em consideração o fator do imponderável na comunicação, no que se relaciona a estas possibilidades de assimilar os nossos territórios físicos e simbólicos, as alteridades e as diversidades que se movem e se relacionam nestes espaços, isto é, a dimensão sinestésica da comunicação é um fator indissociável do estar vinculado a um lugar e a uma comunidade. Nesta imprevisibilidade

11\_ Marcha “Mulheres contra Temer”, realizada na Praça Batista Campos, em Belém, no dia 03 de junho de 2016 contra a extinção da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres.

12\_ “Lixo vira jardim na Perimetral, na Terra Firme” (21 de junho de 2016). Fonte: <https://www.facebook.com/telaфирme/?fref=ts>. Acesso em 08 de julho de 2016.

reside também a chance de transformar a realidade, seja por meio do contato direto com o outro, das ações autodeterminadas que produzem subjetividades ou da organização social que também se pretende política e influente sobre as esferas públicas e privadas.

Com base em todas estas leituras que apresentamos para facilitar a discussão sobre a temática, avaliamos que as práticas comunicacionais do Tela Firme contribuem para a revalorização do território ao protagonizar e representar algumas das vinculações sociais que atravessam o bairro onde vivem, como seus espaços públicos mais consagrados – feira, praças e ruas, resingularizando assim locais e pessoas, convidando os moradores a saírem de suas casas para conviverem e também para pensarem juntos nas soluções dos problemas inerentes ao espaço em comum.

Acreditamos que estes conflitos sociais podem ser transmutados a partir de práticas, inscrições e produções simbólicas que sejam geradas a partir da sociabilidade, pois são estas formas de troca que irão colocar em contato os habitantes do bairro, colocá-los disponíveis ao diálogo e, assim, construir formas de comunicação que funcionem como alternativa aos velhos estigmas sociais explorados pelas mídias comerciais e do isolamento de um espaço vazio, de um espaço desprovido de subjetividades – com efeito, podemos produzir vínculos, criar ambientes, desbravar territórios reais ou imaginados, afetar pessoas dos nossos e dos outros cantos da cidade.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey C., BRESSE, Elizabeth Butler, EYERMAN, Ronald. **Narrating Trauma: On the impact of collective suffering**. New York: Routledge, 2011.

ALVES, Edivânia Santos. **Marchas e Contramarchas na luta pela moradia na Terra Firme** (1979-1994). Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 2010.

BATEILLO JR., Norval. Corpo e imagem: Comunicação, ambientes e vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo, SP: Summus, 2008, p. 95-112.

\_\_\_\_\_. **A Era da Iconofagia – Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo, SP: Paulus, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Base de dados disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em 16 de novembro de 2015.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Caosmose – Um novo paradigma estético**. São Paulo, SP: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: As cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

MAFESSOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

PAIVA, Raquel, CURI, Guilherme. **A cidade que não cala: O samba da Pedra do Sal e as formas de comunicação contemporâneas na região portuária do Rio de Janeiro**. 177

**Revista Comunicação & Inovação**, v. 17, nº 34, maio-agosto, 2016. Disponível em: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/viewFile/3912/1963](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/viewFile/3912/1963)>. Acesso em 03 de março de 2017.

PEREGRINO, Miriane. **Terra Firme: Cultura e resistência na periferia de Belém do Pará**. Rio de Janeiro: Agência de Notícias das Favelas, 31 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://www.anf.org.br/terra-firme-cultura-e-resistencia-em-belem-do-para/>>. Acesso em 09 de julho de 2016.

PINTO, Lúcio Flávio. **Belém**. Violência Mundial. Belém: Jornal Pessoal, 28/10/2016. <<https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2016/10/28/belem-violencia-mundial/>>.

PORTAL G1. **Relatório aponta que PM morto em chacina estava envolvido com milícia**. Belém, 30 de janeiro de 2015. <<http://g1.globo.com/pa/para/>>

noticia/2015/01/relatorio-aponta-que-pm-morto-emchacina-estava-envolvido-com-milicia.html>. Acesso em 17 de novembro de 2015.

SANTOS, Kamila. **Programas Policialescos:** Dois programas de rádio e tevê colocam Belém como a quarta cidade que mais viola leis, normas e direitos da pessoa humana na mídia brasileira. Portal Outros 400, Belém, 06 de julho de 2016. Disponível em: <[www.outros400.hostbelem.com.br/especiais/4026](http://www.outros400.hostbelem.com.br/especiais/4026)>. Acesso em 08 de julho de 2016.

SANTOS, Maria do Socorro Rocha. **Medo na Cidade:** um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém/PA. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum** – Notas para o método comunicacional. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2014.

SONTAG, Susan. Esperando Godot em Sarejvo. In: **Questão de ênfase**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VARJÃO, Suzana. **Violações de direitos na mídia brasileira:** Pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa. Brasília, DF: ANDI, 2016.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS E IMAGÉTICAS

---

**GENTE firme.** Direção: Maílson Souza/Coletivo Tela Firme. Belém, 2014. (11m556s)

**PODERIA ter sido você.** Direção: Maílson Souza/Coletivo Tela Firme. Belém, 2014 (9m43s)

**TERRA firme.** Direção: Maílson Souza/Coletivo Tela Firme. Belém, 2014. (11m42s)

FIGURA 1 – Centro de Ciência da Terra e Ecologia/ Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, 2010.

**Recebido**\_11 de março de 2017

**Aprovado**\_18 de agosto de 2017